

PELO MENOS 20 BARRACOS FORAM CONSTRUÍDOS ONTEM EM ÁREA DESTINADA A DISTRITO INDUSTRIAL

NASCE UMA NOVA INVASÃO

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Há três semanas não havia nenhum barraco na área de propriedade da Terracap, reservada para Distrito Industrial. Mas desde terça-feira, a realidade no lugar vem mudando rapidamente. O matagal próximo ao bairro Areal, de Taguatinga Sul, está sendo devastado para dar lugar a barracos de madeira e lona. Ontem de manhã já contavam-se 20. E o batalhão de invasores prosseguia o trabalho em ritmo incessante.

De longe, as pessoas, meio escondidas pelo mato, parecem trabalhadores braçais, roçando a terra. Mais de perto, descobre-se o nascimento de mais uma invasão. Com facão e enxada em punho, os invasores vão abrindo caminho pelo matagal. Cortam arbustos, capinam o chão. Limpam espaço para fincar as primeiras estacas do barraco. Cercam o "lote" com arame farpado.

Mesmo quem não levou material para a construção do casebre vigia a área. "Senão vem outro e toma", dizem. Para aliviar o sol forte que avermelha a pele, usam chapéu, boné e até toalha de banho. Outros disputam a sombra mirrada das árvores. Mulheres acocoram-se e abrem sombrinhas coloridas, que contrastam com a imensidão ainda verde.

Os novos invasores chegam de todas as formas. Tem gente que vem de ônibus, de carroça. Outros, mais afortunados, exibem celular e desfilam na estrada de terra com seus carros. Há Saveiro, Escort, Fiat Pálio, Corsa e até Ômega CD na porta de barracos já prontos. O movimento é intenso. E a lei que impera ali é a de não arredar pé do lugar. Nem que seja preciso brigar ou morrer por isso.

"Eu só saio daqui se o governador Roriz mandar me matar e me colocar no Rabecão (carro da polícia utilizado para remoção de cadáveres)", diz Maria Benedita de Oliveira, 32 anos, doméstica desempregada e mãe de Brenda, de dois anos. Assim que soube dos comentários da nova invasão, decidiu não perder tempo.

Pegou o ônibus na QNN 5, em Ceilândia, onde mora de aluguel, e desceu na "parada do Areal". Às "oito e pouquinho" já estava na invasão. Arranjou enxada emprestada e com ajuda de vizinhos, que vieram de ôni-

Raimundo Paccó



Munidos de facão e enxada, os invasores chegam de todas as maneiras, escolhem o local do barraco e se instalam, cercando o "lote" com arame farpado

bus com ela, começou a roçar o mato. Não almoçou. Levou só pão seco. Água pediu para os moradores do Riacho Fundo — a cidade fica do outro lado da pista de asfalto que segue para Taguatinga.

"Vamos improvisar. O pessoal ajuda. Vou botar um colchão e dormir aqui no chão", diz. "Não é fácil, não. Mas temos que lutar", conforma-se. Amigo dela, o motorista de caminhão desempregado, Edson Cardoso Naves, 35 anos, chegou mais prevenido na invasão. Pagou R\$ 5,00 para um carroceiro levar estacas velhas recolhidas em terrenos baldios e um pedaço de lona para o local. O arame farpado ele comprou. É novo.

"Desde os 18 anos tenho inscrição e nunca me chamaram. Todos os invasores ganham, menos eu", protes-

ta o pai de três filhos, o mais novo com apenas sete meses. "É humilhante invadir, mas a necessidade leva a gente a fazer isso. Se tivesse condição de continuar pagando aluguel, jamais estaria nessa." Edson diz morar de favor, num barraco da QSE 3, em Taguatinga Sul. Hoje promete levar a mulher e os filhos para o barraco que espera estar pronto.

Vale qualquer esforço para conseguir um pedaço de chão. Mesmo para quem nunca pegou uma enxada na vida. A viúva Francisca de Assis Pereira, 63 anos, e o neto Luís Mauro, 12 anos, não desanimaram. Sob o sol

forte da manhã de ontem, revezavam-se para limpar a área onde ergueriam o barraco.

"Tô enjoada de pagar aluguel", diz dona Francisca, que sente um pouco no tamborete de madeira para descansar e beber água no gargalo de uma garrafa de plástico. "Não tenho nem material para construir meu barraco. Mas daqui não saio. Senão a gente fica sem o lote", explica. Dona Francisca e dois netos moram no Areal. "Há oito anos", diz a piauiense da capital, Teresina.

A área invadida está sem fiscalização. Os invasores não têm dificuldade

para entrar. Às 14h de ontem, duas kombis de frete descarregam entulho diante de um loteamento novo, definido com arame farpado. São madeirites e pedaço de pau. "Material velho que pedi numa construção no Riacho Fundo", conta Osmane Lamounier, 38 anos, pintor de letreiros. O frete das duas kombis custou R\$ 30,00.

Osmane mora com a mulher e dois filhos na quadra 4 do Riacho Fundo II. Admite ter condições de pagar o aluguel, mas acha "desaforo" continuar arcando com a despesa mensal, enquanto invasores ganham lote. "Que dá para pagar aluguel dá, mas tenho o mesmo direito de também invadir", diz.

Ele já ouviu os últimos discursos do governador Joaquim Roriz. Nem por isso resistiu ao impulso de invadir.

"Sei que ele disse que não vai permitir invasão, mas isso é problema dele. Ele é que começou com isso. Deu lote pra gente que mora a menos tempo que eu aqui em Brasília", reclama. O mineiro da cidade de Luz diz estar desde os três meses de idade no DF.

DESCONFIANÇA

Mas nem todos os invasores falam dos motivos de estarem ali. São aqueles que têm carros na porta dos barracos. Na manhã de ontem um senhor engratado observava, com os braços cruzados, o loteamento com arame farpado. "Moça, faça o seu trabalho e não seja indelicada. Estou aqui só olhando. Como você. Como qualquer brasileiro", ateu-se em responder. Depois se irritou com o fotógrafo do **Correio** e fez ameaças. "Não me focalize, para o seu bem. Estou aqui por curiosidade apenas. Se você me focalizar, eu nunca vou te esquecer", disse ao repórter fotográfico Raimundo Paccó.

Há três semanas, quando a reportagem do jornal esteve no Areal somente 19 barracos estavam em situação irregular. São famílias que já moravam no bairro de Taguatinga e que ficaram de fora do processo de regularização da antiga invasão do Areal, ainda no governo Cristovam Buarque. Há três meses ocupavam o lugar reservado para a construção de uma praça, fora do terreno de propriedade da Terracap.

Essas 19 famílias estão agora preocupadas. Temem ser prejudicadas em razão dos invasores que estão chegando. "A invasão só cresce. Só cresce. Não temos como impedir isso. A não ser que o governo venha nos ajudar", diz Gabriel Ângelo Filho, 23 anos, cabeleireiro desempregado e representante do grupo das 19 famílias.

Como a fiscalização falhou, os fiscais da Terracap têm agora a missão de reprimir a invasão. Às 6h de ontem demoliram 14 barracos vazios e recolheram 450 metros de arame farpado. "Não podemos acabar de forma violenta com as invasões. Estamos ainda na fase do entendimento. Mas parece que o pessoal não está entendendo. O governador está dizendo que não permitirá invasão", afirma João Carlos de Medeiros, presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF (Idhab).

■ Polícia disputa espaço com invasores. Leia na página 2